

CHRONICA



m pequenino, mas preponderante, grupo de devotos de Anthero de Quental — aquelle nobilissimo Poeta que foi canonisado em vida... — tendo á sua frente Alberto Pinheiro, uma das primeiras individualidades litterarias da Academia de Coimbra, acaba de realisar, numa das salas do *Instituto*, uma «sessão solemne de commovida e vibrante homenagem ao extraordinario Poeta dos *Sonetos*».

Chega-me pelos jornaes noticia d'essa festa—que o foi, religiosa, e como as que mais o são —: e, a contrastar com a pena de não ter assistido a ella (se bem que nella estive em espirito) uma grande satisfação me encheu o peito, desopprimindo-m'o d'um como que pesadello que, desde que de tal ideia tive conhecimento, me tolheu as mãos para a receber com as minhas palmas, inuteis mas sinceras.

E' o caso que, se por incompetente me recusei a tomar parte activa nella, por devotadissimo á memoria do incon-

fundível e insubstituível poeta, de nenhum modo pudera eu negar os meus applausos a essa justissima e cordealissima homenagem,—se não fôra...

E é agora a oportunidade de eu dar as devidas explicações a Alberto Pinheiro que, pelo muito que me estima, se lembrara de convidar-me a contribuir com o meu pouco para essa festa d'elles, que o devia ser, e que realmente o era, minha, pois que com elles partilhava da mesma adoração (casos ha em que usar d'este termo para um homem, longe de ser uma profanação, é simplesmente uma justiça...) da mesma adoração por esse altissimo Espirito que foi o primeiro e, certamente, o mais efficaz educador da Geração d'hoje.

Se não fôra... dizia eu:—se não fôra o convite que os organisadores d'essa festa dirigiram ao illustre professor, sr. Dr. Theophilo Braga, numa carta, cujas ultimas linhas peço venia para transcrever e commentar.

«Anthero de Quental tem direito a ser um symbolo, um «idolo na sociedade portugueza. Que a sua memoria sem «mancha, sublime—que sublime foi elle até na morte—seja «invocada como lenitivo no supremo conforto.

«Será simples a nossa festa, mas grande. E para que «grande seja, lembrou a todos nós pedir a V. Ex.^a, ao mes- «tre, a sua preciosissima cooperação.

«Preciosissima e imprescindível.

«Ninguém, certamente, mais do que V. Ex.^a, poderá vir «dizer-nos qualquer coisa de certo, de novo, de decisivo, a «respeito da vida e obra, do santo—não é assim que lhe cha- «mavam os amigos?—padroeiro da nossa commovida roma- «ria. E' V. Ex.^a o primeiro critico portuguez: foi V. Ex.^a «um amigo, um leal companheiro de 'Anthero.

«Era essa ultima palavra sobre Anthero que nós queria- «mos que V. Ex.^a viesse dizer aqui, ao meio de nós, que o ve- «neramos.

Dada a impossibilidade de suppor menos serias as pala- vras justificativas d'este, em meu juizo, injustificavel convite, permittam-me os signatarios da carta, que eu muito preso e

considero, que lavre aqui o meu protesto e, como é meu uso e costume, o justifique.

O sr. dr. Theophilo Braga, cuja larga vida de prodigioso e proveitosissimo trabalho eu sou o primeiro a admirar e a cuja vastissima erudição e arrojada orientação philosophica eu sou o primeiro a render o devido preito, é todavia quem menos direito tinha a ser convidado—e por tal forma—a cooperar numa festa academica destinada a commemorar Anthero de Quental e a sua obra. Isto, porque, se «Anthero de Quental tem direito a ser um idolo na sociedade portugueza», o sr. dr. Theophilo Braga foi o primeiro que tentou appear esse idolo do altar a que toda a mocidade portugueza, numa hora de enthusiasmo, desgraçadamente ephemero, o erguera e onde, morto esse enthusiasmo, ficara ainda—e para sempre—a irradiar, num nimbo de immarcessivel santidade, para o amor e para a veneração d'um grupo menos numeroso, é certo, muito diminuto mesmo, mas, por isso mesmo talvez, mais sincero, mais crente, e mais forte portanto:—forte de toda a força do Amor que é mais forte do que a Morte...

Estão ahi as *Modernas Ideias da Litteratura Portuguesa*: consulte-as quem ainda não as tiver folheado e leia lá as paginas consagradas a Anthero do Quental, se por ventura duvidar da veracidade das minhas palavras.

Preciosissima, chamavam os signatarios da carta á corporação do sr. dr. Theophilo Braga:—preciosissima e imprescindivel, acrescentavam.

Preciosissima sel-o-ia ella realmente:—mas não para o fim que os iniciadores da festa tinham em vista. Imprescindivel, então, é que de forma alguma o foi, é que de forma alguma o podia ser.

A prova está em que afinal d'ella tiveram que prescindir: e nem por isso deixaram de celebrar a sua festa e muito bem:—e, a meu ver, muito melhor até do que se ella lhes não tivesse faltado. E' que para panegyrista do «Santo Padroeiro da commovida romaria» que acabam de celebrar em Coimbra essa meia duzia de moços entusiastas e crentes devia ser con-

vidado quem commungasse na mesma crença, quem ardesse no mesmo enthusiasmo: e, infelizmente, o sr. dr. Theophilo Braga, se lá apparecesse, far-me-ia lembrar, naquella Cenaculo, ou Pedro que negava ou Thomé que duvidava: isto para não citar o outro que peor fez...

Não: o sr. dr. Theophilo Braga pode realmente ser, e eu creio que é, «o primeiro critico portuguez»: o que elle não é, o que elle nunca foi é «um amigo, um leal companheiro de Anthero».

De resto, o sr. Dr. Theophilo Braga não lhes iria dizer nada *de novo* «a respeito da vida e obra do santo»: disse já o que a tal respeito pensava: e taes coisas disse que, quem lh'as leu, revoltou-se.

A sua *ultima palavra sobre Anthero* — essa ultima palavra que os signatarios da carta queriam que o sr. Dr. Theophilo Braga fosse dizer lá, ao meio d'elles, que o veneravam, essa ultima palavra disse-a elle já: se queriam de novo ouvir-a, era pegar das *Modernas Ideias* e encarregar o que tivesse mais coragem de ler as paginas a que alludi e onde o illustre professor tracta de Anthero de Quental: deviam ficar... edificados.

Numa coisa fizeram pois, mal os devotos admiradores de Anthero:—foi em convidar o sr. Dr. Theophilo Braga.

E uma coisa houve em que fez bem o sr. Dr. Theophilo Braga:—foi em não acceitar o convite.

Esta a minha opinião.

*

*

*

E já agora, pois que de mais me alonguei, no proximo numero da *Ave-Azul* direi da festa e da maneira brilhante como ella foi realisada: e por agora limitar-me-ei a felicitar, muito cordalmente, quantos nella coöperaram e a abraçar o seu iniciador, Alberto Pinheiro, que deve estar satisfeitissimo por ver a sua ideia coroada do exito que lhe desejava.

CARLOS DE LEMOS.

SALLA DE VISITAS

De CAMILLO PESSANHA :

LIRISMO FRUSTE

I

Depois das bodas d'oiro,
Da hora promettida,
Não sei que mau agoiro
Me escureceu a vida.

Temo de regressar :
E mata-me a saudade...
Mas de me recordar
Não sei que dor me invade.

Nem quero proseguir :
Trilhar novos caminhos :
Meus pobres pés dorir,
Já roxos dos espinhos

Nem ficar, e morrer:
Perder-te, imagem vaga...
Cessar... Não mais te ver...
Como uma luz se apaga.

II

Foi um dia de inúteis agonias.
Dia de sol, tudo cheio de sol !
Fulgia o aço das espadas frias.
Dia de sol, tudo cheio de sol !

Foi um dia de falsas alegrias.
Dhalia a esfolhar-se, o riso seu maguado...
Voltavam os ranchos das romarias.
Dhalia a esfolhar-se, o riso seu maguado...

Dia impressionável, mais que os outros dias.
Tão lucido! Tão pallido e tão lucido!
Diffuso de theoremas e theorias...

O dia futil, mais que os outros dias!
Sorriam frouxas as ironias...
Tão lucido! Tão pallido e tão lucido!

III

Na cadeia, os bandidos presos,
O seu ar de contemplativos!
Que é das feras d'olhos accesos?
Pobres de seus olhos captivos...

Passeiam mudos entre as grades.
Parecem peixes n'um aquario.
Campo florido das saudades,
Porque rebentas tumultuario?

Serenos. Serenos. Serenos.
Trouxe-os algemados a escolta.
Estranha taça de venenos,
Meu coração sempre em revolta!

Coração, quietinho, quietinho!
Porque te insurges e blasphemias?
Pss! Não batas! Devagarinho!
Olha os soldados, as algemas...

De RIBEIRO DE CARVALHO:

PRELUDIOS



Todos têm no mundo a sua aurora,
E tu serás a que ha-de conduzir-me,
Noiva ideal, por esta vida fóra,
Até um porto aureolado e firme.

Vi-te uma vez no meu caminho, apenas,
E agora vou-te com amor seguindo
Por um vergel florido de açucenas
Como quem segue em mente um sonho lindo.

Ergo os olhos ao Céu para adorar-te,
Num misticismo estatico de monge,
Sem força alguma que de ti me aparte,
Vivendo só de te fitar de longe.

Quando eu, sonhando uma ventura calma,
Me julgo o teu Amado, o teu Eleito,
Corôa-se de rosas a minha alma
E nascem-me jasmins dentro do peito.

Abro as azas da minha fantasia
E idealiso loucuras de encantar . .
Até conto que beijos te daria
No teu collo virgineo de luar.

E se ás vezes me deixo ir embalado
Por este devancio encantador,
Chego-me a crer no dia de noivado
A dizer-te baixinho o meu amor...

E ha bosques florescentes onde vamos,
Muito abraçados um ao outro ainda,
Comer medronhos e apanhar os ramos
Para enfeitar a tua alcova linda.

Ha himnos de ventura e de esperanças
Em tudo o se estende a nossos olhos...
Ao pé de nós poisam as pombas mansas
E eu vejo flores onde havia abrolhos.

Parece que em nossa alma andam voando
Arômas de lilaz e rosmaninho,
Que nos incitam a viver, amando
Com mais ternura, com maior carinho !

Mas o meu Sonho vae fugindo, em fumo,
E no meu peito vão murchando as flores,
E eu sigo então o luminoso rumo
Da tua imagem e dos teus amores.

Muitas vezes ao pé de ti, suspenso
Dos teus olhos ingenuos, de velludo,
Quero falar no meu amor immenso
Mas não me atrêvo a confessar-te tudo...

E assim passo em miragens embalado,
Tateando a custo o meu caminho em flor,
Sempre a pensar num dia de noivado
Em que te diga a mêdo o meu amor...

(Do Noivados)

*De PINHO D'ALMEIDA:***Do «Evangeliario»****I**

Morta! Morta com a lividez indecisa do Poente a acariciar-lhe o busto, como touca de Freira a emoldurar-lhe o rosto, Ninho de rosas onde a Alvorada riu, Urna de jaspe onde a Alegria é morta, Sol apagado em que não canta o Sonho... Morta!

E os Sinos rezam a defuntos no Ether brando, badalando...

II

Labios de marfim velho, a pequenina bocca semi-cerrada, como se em extase adormecesse, ia a falar num rythmo de Prece e ficou suspensa como flôr de mandevilia, em fino côrte de geada.

E os Sinos rezam a defuntos no Ether brando, badalando...

III

As faces esmaecidas, como rosa que o seio abrisse a Abe-lha zumbindo longe, têm duas covas tão cavadas, que talvez fossem dos beijos que lhe não dei—e Ella sonhára... tão fundas tem Ella as covas nas faces esmaecidas!

E os Sinos rezam a defuntos no Ether brando, badalando...

IV

Caidas, as palpebras roxas, velaram claridades de Estrela, como se aquelles olhos—Luz dos meus olhos—lessem no seio, onde o meu coração parasse, um livro de Horas sobre o

Altar: e lembra em Semana Santa as luzes do Triângulo, uma a uma apagando-se...

E os Sinos rezam a defuntos no Ether brando, badalando...

V

Os cabellos—manto de treva como beijo a agasalhar-lhe a espada e como servo a beijar-lhe os pés! Helena—a das tranças loiras, Esther—a das tranças pretas, Cleopatra—a dos reflexos azulinos nas tranças fluctuantes, nobres Damas, melhor não foram agasalhadas as Rainhas, de longos cabellos a diademar-lhe as frentes.

E os Sinos rezam a defuntos no Ether brando, badalando...

VI

Mãos-postas, como Perdão que foi dado e parece que é pedido, vae para o Céu a subir, a subir, brando Vapor de incenso... Hostia em ascensão subindo, Aza de cysne a demandar o Sonho, não vá Ella roçar no Lodo d'este Mundo ..

E os Sinos rezam a defuntos no Ether brando, badalando...

VII

E sybillino Esplendor, Nimbo sagrado exala-se da frente angelical e serena, lembrando o palpitar da Via-Lactea em noite estival — sem Lua.

E os Sinos rezam a defuntos no Ether brando, badalando...

VIII

E tão lindo tinha Ella o Corpo, que a Alma d'Ella como seu Corpo linda, de saudosa, velando o Caixão onde Ella dor-

me, toda A envolve em espiraes de essencias, como perfume de Santa que os vermes afugenta...

E os Sinos rezam a defuntos no Ether brando, badalando...

IX

Morta! Morta com a lividez indecisa do Poente a acariar-lhe o busto, como touca de Freira a emoldurar-lhe o rosto, Ninho de rosas onde a Alvorada riu, Urna de jaspe onde a Alegria é morta, Sol apagado em que não canta o Sonho...
Morta!

E os Sinos rezam a defuntos no Ether brando, badalando...

Coimbra—1898.



De J. AGOSTINHO D'OLIVEIRA:

RESIGNAÇÃO

I

Gosto da noite assim, gelada e escura;
O chão raso de gelo; as rosas mortas;
Tudo cadáver's nós, já sem aortas,
E um silencio de fel por sepultura!...

Noite sem lua, e sobre a Terra dura
As vinhas seccas, como serpes tortas,
Como se nos achassemos ás portas
Do palacio do Nada, a mansão pura.

Gosto da Noite assim: meu coração
Vive da morte de visões radiosas,
Vive de agonisar na escuridão...

Esta Noite é o meu Céu, e as minhas rosas,
De rastos, vou colher-as 'num caixão
P'ra pisal-as aos pés... bem dolorosas!

II

Dolorosas?! Que riso! que ironia!
Mas quem se lembra então de que eu padeço?
Quem se não rí ao ver que eu estremeço
A' luz do sol brutal, em pleno dia?

Dolorosas?! Mas quê? Talvez na Orgia,
Emquanto, sempre em febre, eu enlouqueço,
Ellas walsem caiadas de máu gêsso,
Como nymphas da selva da Alegria!

Dolorosas?! Mentira! Detestadas.
Maldictas como infames e perjuras,
Vejo-as — são tantas! — velhas, castigadas!...

Que eu tinha um bom olhar de vistas puras,
Cheio de rosas, chelo d'alvoradas,
E, moço ainda, eu vejo-me ás escuras!

III

Ella! vem ella, a gorda Aspasia branca,
De carne rija, o seio exposto ao Sol;
Expulsa-me do lar tranquillo e molle,
E ensina-me a paixão que não se estanca...

Vae-se á noite sem lua, e tanto a espanca,
Que surde a madrugada; e sopra o folle
D'uma aragem febril que no serpo
Canta gemidos de lascivia franca.

«Teu lar, a companheira, o sonho calmo,
Para quê, fermentido, se não amas
Senão o que morreu no fel d'um psalmo?»

E sinto-me invadir por crúas chammas,
E encho o presente d'uivos, palmo a palmo;
Não choro estrellas: amo e bebo lamas!

IV

E já não gosto, pois, da Noite flente,
Já não vejo as visões de que vivi;
Mesmo não sei se gosto inda de Ti,
Meu doce Lar, tão calmo, puro e quente.

Já nem gozo, nem soffro regemente,
Pasma até de pensar que já soffri,
Como pasmo de olhar para quem ri,
Como pasmo de crente e de descrente!

Existimos? amamos? nós vivemos?
Só sei que a Vida é velha travessia
Por jardins e por pantanos, que vemos...

Aqui, vem-nos a febre d'uma Orgia;
Alli, algumas lagrimas bebemos,
Mas, venha a noite peor, que logo é Dia!

(Das Sinceras)

Lamego, XX—I—99.

De SANCHES DA GAMA:

Noites Negras



Noites immensas de trovoadas,
Noites de trevas e de sabbats,
Vós sois, ó Noites, as confessadas
Que nos confessam mil coisas más!

Como eu vos temo, como tiritio
De frio e mêdo d'esses trovões...
Como estremeço, como me agito,
Noites de bruchas e de ladrões!

A chuva, em pranto, pelas vidraças,
O vento uivando como os chacaes,
Ai que tormentos! Ai que desgraças!
Noites de trevas presagiaes...

E' n'essas noites que os amuletos
Evocam genios, lendas, mysterios...
E é quando dançam os esqueletos
Danças macabras nos cemiterios!

Cobris de trevas o vosso rosto,
Tendes relâmpagos no vosso olhar:
Sois mães do crime, mães do desgosto...
O' noites negras a trovejar!...

Cartas abertas

(De Fernanda a Maria)



m caso novo, emocionante, um caso de altíssima sensação!... Mas não te assustes: por Deus, socega, minha Querida: nem appareceu ainda o cometa que dará cabo, ao que dizem, d'este nosso planeta dentro em poucos mezes, nem tão pouco foi o ministerio que caiu. Não. O caso é outro, e elle ahi vae:—fui pedida em casamento!! quer dizer, sollicitaram de mim a competente permissão para em seguida se dirigirem ao papá!!

Ora não encolhas os hombros nem alongues o teu labio-sinho inferior num tregeito de mofa, assim como quem se ri na minha cara do tal caso emocionante e de altíssima sensação. Adivinho o que estás pensando, e em imaginação cá ouvi muito bem as palavras de que acompanhaste esse gesto gracioso da tua boquinha fresca...

Sou nova, bem sei: vinte e tres annos: o que não é precisamente a idade de Julieta, mas nem por isso deixa de ser uma idade bem bonita; e formosa:—pois não tive sempre por inimigas todas as minhas companheiras de collegio, excepto tu, que eras tanto ou mais linda que eu, e de so-bejo o não adivinho pelo modo como nas sallas usam fitar-me os homens e tambem as senhoras?—e queres tu dizer que com vinte e tres annos e um palminho de cara que é uma tentação para os homens e um motivo constante de inveja para as mulheres, e havendo a acrescentar que, se não sou rica, tenho comtudo o bastante para viver independente, não

ha rasão para vir annunciar-te, assim como coisa de prodigio, a circumstancia banal e naturalissima de um dos meus admiradores, hoje meu apaixonado, vir sollicitar a honra (sic!) de se unir a mim pelos laços da Santa Madre Igreja?!

Ah! mas é que tu não sabes, minha linda Maria, que o meu apaixonado é... um poeta; mas não um d'esses muitos poetas d'agua doce, que para ahi ha: um poeta a valer, um poeta puro sangue!

E então? Ora dize-me agora se a minha admiração não é bem cabida!

Pois eu podia-me lá convencer, por ventura, de que um poeta — uma creatura que só tem olhos para contemplar o ceo e ouvidos para escutar a harmonia das espheras! — um poeta, uma creatura á parte, viesse a cahir na banalidade insossa do casamento?!

Podia lá convencer-me de que o não assustasse entrar na prosa das mil e uma obrigações a que elle sugcita o marido, almoçar, jantar e tomar chá todos os dias com a esposa, assistir aos bailes e jantares officiaes, pagar com o mais alegre dos sorrisos as contas da modista de vestidos e da modista de chapéus, ir, na epocha de praias, passar a noite no Casino, para comprazer com os habitos da esposa elegante e mundana, em vez de andar cá fóra, á luz dos astros e ao marulho das aguas, fazendo versos mais luminosos que o fulgor d'essas estrellas, e mais cheios de rithmo e de harmonia que o marulhar d'essas aguas?!

E emfim, — e sobretudo! — podia lá convencer-me nunca, de que elle não receasse saber ao certo o que venha a ser, num ménage, um lindo grupo de «cabecinhas loiras e olhos côr de saphira», esses deliciosos angitos cuja presença no lar oiço exaltar em theoria a quasi todos por ahi, mas muito principalmente aos poetas?!

Ora já vês...

E agora dize-me cá uma coisa, minha santa Maria: tu fazes bem idea do que seja um poeta?

Os classicos o disseram filho das Musas, sacerdote d'A-

pollo, interprete dos Deuses; os românticos, pastor d'almas, levita do sonho, romeiro do Ideal; os decadentes, legado *d-later* do symbolo, Mago do Conceito Puro, emparedado da Torre de Marfim; é verdade. Porem eu, que observo com o meu bom senso natural o que se passa á roda de mim, direi que um poeta será muito embora todas essas lindas coisas, e quantas mais lhe queiram acrescentar por cima, mas, o que elle não é com certesa, é um homem bom para marido, porque... porque um poeta é muito simplesmente um homem que não ganha dinheiro. Ora ahí está! E já nos bons tempos antigos acontecia o mesmo que agora, nestes calamitosos que vamos atravessando. Está-me a lembrar um dicto de não sei que poeta romano, que fallava provavelmente não só pelo que via mas tambem pelo que lhe ia por casa. Dizia o tal senhor, encobrendo o seu azedume nos refolhos d'uma phrase humoristica: — que os poetas se viam obrigados a fazer-se banheiros, padeiros ou pregoeiros — para ganharem a vida! E outro ainda, fallando d'um velho romano — que era com certesa pessoa muito assisada e de rara prudencia! — affirma que elle recusara sua filha a dez poetas — para ir dal-a a um pregoeiro!

Que te parece?

E, se isto acontecia em Roma, a cidade dos grandes oradores e das illustres patricias, o que não será aqui, neste nosso cantinho de analphabetos!

Aqui ninguem lê. Onde estão ahí os ricos que tenham na sua casa uma estante repleta de bons livros? Em cincoenta encontrar-se-á um, quando muito. Depois, ha ainda a acrescentar o feio costume que nós temos de não comprarmos livros e irmos lendo os dos amigos...

Mas em geral ninguem lê nem quer lêr coisa alguma, á excepção de meia dusia de jornaes politicos com o competente folhetim.

Romances? os poucos que os leem morrem ainda pelo Ponson, o Montepin e o Paulo de Kok; e só na falta destes seus grandes amigos é que se resolvem a receber, um pouco

aborrecidos e algo desconfiados, qualquer intruso que lhes appareça...

Livros de versos? por amor de Deus! é coisa que não tem enredo e onde de ordinario não ha heroes nem heroínas, e portanto, massada que ninguem seria capaz de levar até ao fim.

Dir-me-ás se o grosso do publico não é isto? se porventura elle se interessa por coisas d'Arte em geral, e, a interessar-se mais ou menos, se não é rudimentar o seu gosto e, na maior parte d's casos, d'uma pessima orientação?...

Quanto ao resto do publico, o que pela Arte se apaixonou e sabe comprehender e sentir a Obra Prima, esse constitue, entre nós, uma minoria muito restricta que é de todo o ponto insufficiente para que o Artista possa viver do producto sua Obra.

E assim é que um poeta, cuja arte, com ser superior ás mais artes, é tambem a que menos recursos offerece, gasta o melhor do seu cerebro e põe o melhor do seu coração num bello feixe de lindos versos, para quê? — para receber umas miseraveis dezenas de mil reis, se tem a felicidade de encontrar um editor generoso e, se a não tem, e põe o livro na rua por sua conta, para ficar, na maioria dos casos, alcançado em boa parte do seu rico dinheiro, pois que a venda, em geral, é nulla ou quasi nulla!

E agora, minha linda amiga, suppõe-me casada com um poeta, a mim que adoro os bailes e as flores, os vestidos e os chapéus caros; que não estou bem senão rodeada d'esses mil pequeninos nada's que se pesam a dinheiro; que gosto de viajar e de ter assignatura em S. Carlos; que sou, emfim, uma pessoa cuja posse implica o dispendio d'um grande rendimento annual... O Poeta, — neste caso meu marido — que me ama e quer satisfazer todos os meus caprichos, considerando que não é rico e precisa de dinheiro, muito dinheiro, trabalha activamente durante um anno na factura d'um livro, esperançado em que elle lhe vae dar o sufficiente para prover ás nossas despesas, o que quer dizer: ver sempre ale-

gres os meus olhos, que o encantam, e sorridentes os meus labios, que elle adora sobre to las as coisas. Mas vae que o livro, afinal, não lhe dá senão as taes dezenas de mil reis; isto, ainda no melhor dos casos, quando eram contos, contos de reis, o que lhe era preciso... E depois?... Vê tu lá que bella situação a nossa: — elle tem de vir confiar-me, desolado e vexado, sem forças para encontrar os meus olhos, o ingrato producto do seu trabalho, e eu tenho de consolal-o por delicadesa, quando não seja por amor, e, ainda por os mesmos motiyos, significar-lhe a minha abnegação e o meu desinteresse, quando o que eu sinto, na verdade, é uma grande tristeza e uma vontade enorme de chorar com a perspectiva de que me verei obrigada a usar vestidos compostos e a renunciar á minha assignatura em S. Carlos.

Já vês que é impossivel arranjam-se as coisas.

Mas o triste do caso é que gosto deveras do meu Poeta; e que é elle, até hoje, o homem que mais desejaria para marido...

Vê tu que infelicidade!

Não vás porém suppor que elle seja para ahi um excêntrico, ou um desleixado que se vista sem gosto e que mesmo numa salla, onde todos dansam e riem e conversam, se mantenha afastado e com olhos no vago como de quem sonha, o que é ridiculo e sobre modo pretencioso; não: o meu poeta veste-se bem, e é tão distincta a sua apresentação, como deliciosa a sua conversa, numa salla; pôdes acreditar-me: e de resto, monta a cavallo e joga as armas muito bem e, sem ser bonito, o que seria atroz e d'um pessimo gosto — tenho para mim que não ha raça peor do que a dos homens bonitos! — é todavia, ao só aspecto da sua pessoa, muito sympathico e sobre modo attrahente.

Um achado, não é verdade?

Dir-me-ás tu que pode o poeta fazer-se politico e arranjar por esse meio a sua vida, como tantos outros...

Ah! minha doce Maria! não sou má, apesar de toda esta minha philosophia pessimista; e por nada do mundo commet-

teria a negra acção de deitar agua chilra na taça de nectar onde o meu bello Poeta molha os labios. E depois, vês tu? se eu gosto d'elle, é precisamente porque os seus olhos estão cheios de illusão e de sonho, e da sua palavra animada resumbrá a altissima crença, adoravel de ingenuidade, que elle tem lá dentro: se do homem que é se transformasse num homem como qualquer outro, passaria tambem a interessarme, como os outros, mediocrementemente.

E pois, de que me aproveitava o ser cruel? . .

Nada: que elle continue a sonhar um proximo seculo de Pericles, uma proxima idade d'oiro: que não será pelo meu braço que pisará as folhas mortas das suas illusões. Que continue exteriorisando os seus extasis em bellos versos cheios de rithmo, e diga adeus ao casamento, pelo menos ao casamento com uma creatura como eu exigente, linda e amimada; e, pois que isto de fazer versos é coisa boa só para rapazes, que elle se conserve sempre o que ora é: que não será tambem ao sopro do meu capricho que o seu coração perderá da sua fresca mocidade e da sua alegre confiança.

Emfim. . que elle morra pobre para dar vida ao seu sonho — enquanto eu, para viver rica, preciso de dar morte ao meu!

BEATRIZ PINHEIRO



Estrella d'Alva

*Ao meu filho Ruy
no dia em que fez um anno.*

Ouve, filho meu, e recebe
as minhas palavras

Do Livro dos Prov.

I

Que vem bater o Mundo á minha porta ?
Do Mundo o que eu queria já o tenho...
No Mundo já vivi: do Mundo venho:
De lá trouxe quem a Alma me conforta.

Da turba-multa o desvairado empenho
Deixa-me em cruz as mãos e a Alma absorta...
—Vae isto bem ? vae mal?...—E que me importa,
Se eu nem a pensar nisso me detenho?!

Pois que me importa que seja este ou aquelle
Quem dicte leis e os seus irmãos opprima,
Se outro que suba ainda é peor do que elle ? !...

De todo alheio a essa inutil lida,
Vôa-me num sonho a Alma — muito acima
D'essa poeira que envenena a Vida !

II

Mas o meu filho que ali está no berço,
—Nos olhos verdês uma estrella d'oiro!...—
O meu filho... se o engole o Sorvedoiro
De que fujo e em que estive já submerso?!...

E se ao meu filho (longe vá o agoiro!)
E se ao meu filho o Mundo que é perverso
Vem dentro em pouco e me faz d'elle o inverso
Do que ora é, elle que é o meu thesoiro...

O meu thesoiro, o teu thesoiro, o nosso,
—De nós ambos, oh Mãe!—thesoiro raro,
Tão raro que outro igual haver não posso!

Se o Mundo, oh meu Amor, nol-o perdesse,
O que fôra, em tamanho desamparo,
Da luz que em seu olhar nos amanhece?!

III

No lyrio a gotta d'agua é uma estrella
Que das côres do Iris se recama...
Quando ao collo da Mãe meu filho mama,
E' elle a estrella e o lyrio é o seio d'ella.

Cahiu na lama:—converteu-se em lama
A gotta d'agua crystallina e bella...
Meu Deus! se a sorte d'elle fosse aquella!...
—O Mundo infame quanto é puro infama.

O Mundo! a Vida!—E pode alguém no Mundo
Fazer da Vida o Sonho que sonhara,
Se o Sonho é no Alto e a Vida cá no Fundo?!

E toma-me um extranho sobresalto...
 Não ser o Mundo como Pedra-d'Ara!
 D'onde uma Hostia se elevasse ao Alto!

IV

Tudo na Terra cumpre o seu destino
 E a vida, boa ou má, gostoso toma...
 A Rosa nasce para dar aroma:
 E aroma exhala enebriante e fino.

Nasce o Sol p'ra dar luz: e, mal assoma
 No Oriente, eil-o a brilhar, o Sol divino!...
 Nasce a Ave p'ra cantar: e é toda um hymno
 Da Selva umbrosa a viridente coma...

Estrellas, Flores, Aves, Feras, quanto
 Vive no Ceo, na Terra vive, tudo
 Segue da Vida o prestigioso encanto:

Só o Homem, como se fosse excomungado,
 Na Festa-universal extranho e mudo,
 Só elle, por sua culpa, é desgraçado.

V

E' da Terra?—na Terra não se acclima!...
 E' do Ceo?—mas o Ceo como alcançal-o?!...
 Como o Naufrago á tona d'agua, fal-o
 Descer mais fundo o esforço de ir p'ra cima.

Chega, no fim de tudo, o negro ralo
 Da Ultima-Hora:—e o Homem não desanima!
 Não: que para elle a Morte, como a lima
 Para o preso, o que faz é libental-o.

Dos proprios sentimentos combatido,
Invoca a Morte, tendo medo d'ella,
Com tedio á Vida sem a ter vivido ...

Tal entre a Vida e a Morte o Homem passa,
Succubo d'uma Sombra ou d'uma Estrella...
Vejam se pode haver maior desgraça !

VI

Um Ideal torturante e doentio...
Um Ideal, não é bem; uma Nevrose
Que o faz soffrer, em todo o bem que gose,
Da ausencia d'outro bem que em sonhos viu.

Como aos heroes de Roma, na apothese,
O Memento do escravo, torvo e frio,
E'-lhe um supplicio aquelle Ideal sombrio,
Lume do Inferno em que a Alma se lhe cose!

Onde, naquellas fragoas que o consomem,
Remedio ao Mal, se o Mal lhe vem da Origem,
Ao Desherdado, ao Degredado,—ao Homem?!

Possesso do Demonio ou do Infinito,
Como accalmar-lhe a rabida vertigem,
Se o que o desvaira é simplesmente um Mytho?!

VII

A terra em flor cobre-a de cardos vivos:
Ao ceu azul de torvas nuvens cobre-o:
E lá vae indo, agrilhado ao opprobrio
De não sei que peccados corrosivos...

Seu desespero a Natureza exprobre-o
 —No chilrear dos passaros lascivos...
 Na purpura dos cactos explosivos...
 Nos tons da rosa de matiz mais sobio...

Exprobre-lh'o ella muito embora! que elle
 Tomará Terra e Ceo por testemunhas
 De que um Fado invencivel o compelle...

E voltará de novo á sua dôr,
 Rasgando o peito com as proprias unhas
 Num desespero cada vez maior!

VIII

O que lhe falta a elle?!...—O que lhe falta!...
 O que a elle lhe sobra é que o suffoca...
 Toda a ambrosia que lhe chega á bocca
 A sêde lhe não mata; mais lh'a exalta!

Toda a quimera que o seu braço toca
 Outra quimera lhe faz ver mais alta...
 Se aquella estrella que aos seus olhos salta
 Lhe está lá dentro da cabeça louca!...

Tral-a sempre comsigo: ou vele ou durma
 Ou dentro d'um palacio ou d'um cenobio
 Como um abcesso que peçonha esvurma!

Pobre doido! alcançal-a em vão procuras!
 Nunca! Chegasses tu a ser macrobio,
 Como o Mathusalem das Escripturas!

IX

A loucura do Ideal!... Toda a Revolta
E' sempre exaggerada: é pois, loucura...
Mas sublime — a ancia do Homem que procura
Chegar a Deus e a Alma aos astros solta!

Se, depois de pairar lá pela altura
Dos Ceos, exausto e cego, á Terra volta
E se vê obsidiado pela escolta
De Misérias que a Vida fazem dura:

Ao menos um momento houve na vida
Em que o Deus que o Homem foi voltou a sel-o
E o diademou a Aureola perdida!...

Mas que distancia, que differença — entre
Taes loucos e (não sei como dizel-o...)
Uns outros loucos cujo Deus é o Ventre!

X

Porque os ha: por vergonha nossa, ha-os
Que, em vez de serem Homens, são Gorillas,
Tendo apenas por armas duas filas
D'agudos dentes, avidos e maus...

Quem jamais a Alma viu nessas pupillas?
Quando é que Deus fez luz naquelles cahos?
Não ha alma nos olhos dos Lacraus...
Nem na lama dos Pantanos scintillas!

Na consciencia do Verme dormem azas...
Faz-se o Peixe-Amarello ave no Estio...
Oh Ancia d'Outra-Vida, tudo abraza!...

Tudo!... — só a elles, não! só a elles nunca:
Homens de riso idiota e olhar sombrio,
De torpe coração e garra adunca!

XI

Pode o Camaleão um olho erguel-o
Ao Ceo e o outro baixal-o á Terra: e assim,
Se anda de rastos pelo chão, enfim...
Talvez aspire ao Azul — e pode vel-o!

Esse prodígio não me admira a mim...
Admira-me (e não sei como entendel-o!
Ver homens, que o tomaram p'ra modelo,
Imitarem-no só no que é ruim...

Como o Camaleão, odres de vento!...
Hypocritas, como elle!... E então, do Porco
Têrem só no Monturo o olhar attento!...

Os olhos ambos!... sem que nada os mova!...
Isto me admira a mim:—vel-os, de bôrco,
A esfossar... a esfossar. . —a abrir a cova!

XII

São como a Aranha: vão fazendo a teia
E com ella tapando o azul e o sol!...
Se canta numa olaia o Rouxinol,
Se brilha em pleno ceo a Lua-cheia,

Se purpureia o azul o Arrebol
E a Rosa á luz do sol se purpureia,
Nada ouvem; nada veem: só na ideia
De encherem, como a Aranha, aquelle fol!

Quem pode lá tirar as cataractas
A essa Toupeira que, lurando a terra,
Odeia as Azas e usa só das Patas?...

Que milagroso Amomo é que nos pode
Livrar da Peste que esse Ventre encerra
E que no halito sujo d'elle explode?...

XIII

Digam-lhe lá que vale mais a Lyra
Do que a Balança e que mais vale a Palma
Do que a Bolota com que a fome acalma:
Digam-lhe lá isso: gritará:— Mentira!

Fazer d'essa Materia que respira
Como um Cristal donde irradie a Alma...
—Com sua voz prestigiosa e calma,
Jesus fallasse— não o conseguira!

Faz-se vapor a agua d'um charco: e no Iris
Eil-a a brilhar co'as sete cores! a ella
Abriu-lhe o Ceo da luz a luz de Osiris...

Mas esta especie de homens... nem sequer
Deseja que haja luz: quanto mais vel-a!
Quer comer... e morrer... e apodrecer!

(Continúa).

CARLOS DE LEMOS.

A Maria Corcunda

—Jesus! Nossa Senhora do Altar-Mor me valha! Se ella agora me adoecia!... murmurava baixinho a Maria Corcunda, os olhos rasos de lagrimas, o coração apertado numa angustia.

E pé ante pé, sustendo a respiração, ia da cosinha á saleta collar o ouvido á porta do quarto um quasi nada entreaberta. De dentro nenhum ruido vinha; apenas o leve cicio d'uma respiração muito branda, muito suave...

—Dorme... dorme ainda! O Senhor a deixe dormir! que este somninho não lhe está a fazer senão bem, ao meu rico anjinho! coitadinha! a noite que ella passou! até ás duas horas sem dormir, sempre em ancias, sempre cheia de náuseas, por mais chás que lhe fiz!... Deus do Ceo, que afflicções curti durante aquellas horas! E o medico muito distante, e cá na terra nem zo menos o Tio Zé Barbeiro que, logo por fatalidade, andava nem eu sei já para onde!... Sosinha! sosinha sem saber o que fazer-lhe mais para allivial-a!... Jesus!

E, já sentada á lareira, mexia distrahidamente a caçoila do seu proprio almoço, ao passo que destampava cuidadosamente o pucarinho de barro vidrado onde fervia o caldinho de frango que estava arranjando para a doente.

E continuava mentalmente o soliloquio.

—Tambem, o que faria assim tão mal á minha pequenina?... As cerejas? com certeza que não foi outra coisa. Foram as cerejas! gostou d'ellas: comeu muitas... E eu que a deixei comer toda regalada, sem me lembrar, sem a adver-

tir... Mas também, quem adivinhava?! As primeiras que a cerejeira deu este anno: tão grandes, tão rijas, tão vermelhas! E ella que as comia então com tanto appetite, com tanta soffreguice! Fosse eu lembrar-me lá d'aquillo! dizer ao meu rico amor que comesse poucoxinhas!... Ora!

—Muito fraquinha é que ella é, muito fraquinha! volvia passado pouco tempo, com um redobramento de inquietação. Vejam lá as outras raparigas: desde manhã até á noite com os pés descalços e a cabeça ao sol, por esses campos fóra, a encherem-se a cada passo de fructas verdes, e é vel-as como ellas ahi andam, rijas e sadias que nada entra com ellas!... Só á minha, um nada a faz desmaiar, coitadinha! Um arsinho de vento, uma restea de sol, e ahi está ella sem poder segurar a cabeça, toda murchinha, tal e qual, ao fim do dia, uma flor morta de calor e de sede... Minha filhinha! Mas também, se ella é mesmo uma flor! mas uma flor das mais lindas, das mais frescas, das mais raras!—proseguia toda cheia agora d'uma enternecida vaidade. A minha filhinha! ao pé d'ella as outras raparigas, mesmo as mais bonitas, são como gyrasóes ao pé d'um lyrio; como rosas de todo o anno ao pé d'uma rosa branca, d'aquellas rosas brancas que só ha no jardim da senhora Morgada... A minha rica filhinha! se até o senhor Cura, quando ha dois annos para ahi veio, se admirou todo da lindeza d'ella: que não havia assim outra por essas cidades fóra!...

E, como lhe parecesse ouvir rumor para as bandas do quarto, levantou-se logo num alvoroço e lá foi collar o ouvido á porta entre alegre e assustada.—Nada: fôra illusão. O ruido não viera d'ali: a dentro do quarto só se ouvia, como ha pouco, o leve cicio d'uma respiração muito branda, muito egual...

Voltou a sentar-se á lareira: atçou o lume: deu outra volta á caçoila: o almoço estava já prompto. Provou depois o caldinho de frango com uma colher de pau muito branca, arredando o pucarinho para o lado, com muitos cuidados, de

modo a retiral-o do maior calor da fogueira, para que fosse fervendo muito devagarinho.

O pequenino relógio que estava sobre a commoda, na saleta, marcava oito horas.

--Valha-me Deus! dizia a Maria Corcunda cada vez mais afflicta: valha-me Deus! já me isto parece dormir de mais! se lhe vae por lá dar alguma coisa! Jesus!... Deixa-me ir ver, deixa-me ir ver!

Mas a branda respiração que vinha de dentro fazia-a sempre parar ao pé da porta, indecisa, mas já um pouco mais aliviada por ver que a doente continuava dormindo socegradamente.

E voltava á cosinha, para tornar d'alí por pouco á saleta, a escutar, toda anciada, a branda respiração que vinha do quarto.

* * *

Teria quarenta annos, talvez nem tanto, a Maria Corcunda. Mas dar-lhe-ia sessenta ou mais quem para ella olhasse sem muito se lhe afirmar para as linhas do rosto, illudida por aquelle corpo exaggeradamente pequenino e magro, com a corcunda enorme, muito saliente, que parecia ter garras e sugadoiros, garras para cada vez mais lhe ir enterrando o pescoço entre os hombros, sugadoiros para lhe ir sempre chupando o descarnado peito, quasi a fazer-lh'o chegar ás costas, numa curva tal que só o vel-a fazia afflicção.

Pobre Corcundasita! Nascera assim: viera com aquella deformação já do ventre da mãe que se acolhera na Morte ao dal-a a ella para a Vida... Entre o pae, homem secco e desabrido, e um primo, orphão de pae e mãe, quasi da mesma idade que ella, a Maria Corcunda, como todos na aldeia lhe chamavam, por ali se fôra creando, tendo pelo pae muito respeito e alguma estima, e pelo primo, esse bello rapaz forte e desempenado que ao lado d'ella crescera, uma affeição, cega, avassaladora, que ao mesmo tempo participava das ter-

nuras de mãe e do amor cioso e egoista d'uma noiva. O que ella soffrera, já na idade dos seus vinte annos, quando elle, todo prasenteiro e feliz, lhe vinha contar dos beijos que furtara ás raparigas nas noites claras de verão, pelas esfolhadas, ao som das risadas e das cantigas, que tudo encobriam! e quando, nas romarias, elle se apartava d'ella, e, muito lesto, a cabeça deitada para traz, o chapéu derribado para a nuca, a facha vermelha pendente do lado esquerdo, no rosto um bello ar de arrogante desafio, ia tomar por geito ou por força um lugar na roda dos que dançavam, em frente logo da moça mais tafula, que ria perdidamente chamando-lhe «confiado» com os labios mas animando-o muito em segredo com os olhos! Jesus!...

Só naquelle seu amor d'ella, profundo, immenso, absorvente, é que elle não reparava, tomando-a decerto por uma creatura á parte, na sua triste deformação phisica: como se o coração, só porque mora num peito enfesado e rachitico, haja de fechar as suas portas ao Amor, bebendo no fel do seu desespero o anesthesico que o adormente ou o veneno que de todo o mate! Sabia lá porventura a pobre Corcunda, como se lhe transformara em amor, e amor assim, aquella simples amizade pelo parente e pelo companheiro de brinquedos? sabia-o lá?! Quando elle voltava de fóra e, todo expansivo, a abraçava ternamente, alisando-lhe os cabellos que ella tinha d'um castanho muito suave, ligeiramente annellados nas fontes, que esforço enorme para lhe não tombar a cabeça sobre o peito, sedenta de caricias suas, e chorar ali todas as lagrimas que sentia represas lá dentro, bem no fundo do seu maguado coração!

Mas não fraquejara nunca: que, para readquirir forças e espancar da Alma a ventura que lá lhe deixavam aquellas leves caricias fugidias, bastava-lhe correr ao espelho onde de toda a sua pessoa ella só via, ella só queria ver, aquella horrorosa deformação phisica que lhe trazia o escarneo d'alguns, a compaixão de muitos... e de ninguém o amor.

O rosto, um rosto meudinho e delicado, de labios doces e

olhos avelludados e tristes, nem vel-o queria: para quê? se acaso o olhava, era para mais se encher de amargura juntando-lhe logo aquelle corpo de aborto que a Natureza lhe dera..

O que ella soffrera! o que ella soffrera!

Mas todas essas amarguras e ancias e agonias, tudo isso que, afinal, ainda uns longes de felicidade lhe dava, porque era d'elle que lhe vinha, acabara por dissolver-se-lhe nas lagrimas choradas sobre o cadaver do pobre rapaz, morto d'uma febre que o levava em tres dias, quando mais bello, mais forte e mais cheio de vida parecia.

Dois annos volvidos, morreu-lhe o pae e ficou só de todo na casa que mandou cair e rodear de parreiras e flores por todos os lados. Senhora d'uma pequena legitima que lhe dava para ir vivendo, tudo poz de renda tirante um quintal pegado á casa, que ella grangeava com muito amor e cuidado, como fazia com tudo a quanto se affeiçãoava.

E assim foi vivendo ..

O coração nunca mais o sentiu pulsar: fechara-se-lhe para o Amor ao mesmo tempo que para a Vida as palpebras do morto. Agora, se alguma vez tinha inveja ás raparigas que iam para a Igreja noivas e vinham de lá esposas, todas sorridentes, olhos nos olhos do seu amado,—era só por esses anjinhos loiros que ellas d'ahi por pouco acalentavam nos braços, todas afadigadas. . .

D'isso sim; d'isso tinha ella muita inveja.

Ah! ter um filhinho, que fosse d'ella, bem d'ella, um filhinho do seu amor, da sua dor! Sentil-o estremecer no seio, rasgar-lhe a carne dolorosamente e vel-o depois pendurado d'esse seio, entumecido de leite, a sugar, a sugar, numa soffreguice, olhos fitos nos olhos d'ella, com essa doce expressão que parece que elles trazem lá do Ceo, d'onde vieram. . . Um filhinho! um delicioso corpinho tenro, cheirando a rosas, rosas que se fizeram carne, a dormir muito socegadoinho nos seus braços, agitando os labios num vago sorriso que lhe enchesse a Alma de toda a clara luz do Paraizo. . . Um filhinho!

E Deus condoera-se d'ella, afinal: porque essa creancinha que achara no desabrigo d'um caminho, n'um lugar arredado do seu tres leguas, d'uma vez que lá fôra num dia de feira, era como se fosse sua filha, a filha do seu amor e da sua dôr, tanto a amava a ella, com um amor tão grande, tão exclusivo, tão dominador, que jámais houve no mundo mãe que o sentisse maior. Creara-a com infinitos desvelos; ao seu lado passara noites inteiras acalentando-a, amimando-a, velando-lhe o somno, sem se cançar, sem se enfadar. Depois, quando crescera, trouxera-a sempre que nem um brinco: muito lavada, os vestidos muito aceados e muito bem feitos, com todos os arrebiques que a sua ternura maternal podia encontrar ..

E fizera-se agora economica por amor d'ella: — para a deixar bem quando morresse. Trabalhava mais; costurava para fóra; fazia as roupas de festa para as raparigas da aldeia e os fatinhos para a sua pequenina, os de todos os dias, que os outros, os de guarda, esses iam sempre a fazer á modista da Villa, porque, dizia a pobre lá para si, quasi com vergonha de o dizer alto, sempre era outra coisa, sempre vinham com outra cara, com outra graça. . .

E aos domingos e dias-sanctos, na missa das dez horas, Deus lhe perdoasse, mas era mais para a filha, tão linda nos seus vestidos, tão differentes dos das outras pequenitas, como differente do d'ellas era o seu rosto, o seu porte e as suas maneiras, era mais para a filha, tão graciosa e tão linda, que ella olhava, do que para o Altar-Mor, para o Jesus que lá estava pregado na cruz, entornando sobre a cabeça dos assistentes, devotamente ajoelhados, as Graças ineffaveis da sua mesiricordia infinita.

Na aldeia muitos se riam d'ella: na maior parte, mães que tinham inveja do luxo em que andava a pequena. E no Adro, á sahida da missa a que a Maria Corcunda assistia toda enlevada na filha, era certo que os commentarios ferviam. . .

—E então que me dizem? repararam na Mathilde, na engeitada da Maria Corcunda? — Ora se não haviam de re-

parar! Já deitara outro vestido... Pois! assim é que era!... E pelos modos não devia estar ali por pouco dinheiro: com seu grande laço de seda, renda no pescoço e nas mangas, tudo do bom e do melhor, sem lhe faltar nada...

— Olhem eu, dizia uma que levava pela mão uma creança muito feia, inda antes de entrar, logo ao tomar a água benta, dei com os olhos na avantesma, muito direita, o cabelo todo aos caracões sobre as costas... Deus me perdoe! mas aquillo sempre é grande peccado! atrever-se a trazer cabelos á moda de Nossa Senhora... Credo!

— Tem razão, tia Zepha, acudiu outra lançando um olhar de esconso para a cabeça rapada da pequena, toda cheia de falhas de cabelo, tem razão! não sei onde aquillo ha-de chegar! Pelos andares, só para dama da senhora rainha é que aquillo vem a estar bem!

— Pois está visto: quem somos nós?!... Uma fidalga d'aquella maneira... Se lhe parece!... respondia outra.

— E para as bodas, aventurava uma toda espevitada, ha-de vir um principe encantado lá d'esses Orientes...

E riam todas ao mesmo tempo numa grande galhofa.

— Nada! a mim ninguem me tira da cabeça que a Maria Corcunda azoinou do miolo desde que ergueu do chão a engeitada! Aquillo mais tarde ou mais cedo vae dar com os ossos em Rilhafolles... Ora vocês verão!

— Deixem lá a pobre Corcunda. O que ella faz não é senão bem, que tudo aquillo é pelo muito que quer á pequena. E até era pena não a trazer acadinha, sendo ella tão bonita! Sabem que mais?... podesse eu assim trazer os meus!

E esta, que por mais rasoavel e mais bondosa tambem assim fallava, seguia o seu caminho murmurando entre dentes: O que todas vocês teem, afinal, é inveja!...

E era, realmente. E a Corcunda bem o sabia. Mas que lhe importava a ella, com tanto que a sua filha, a sua rica filha, andasse sempre assim linda, e a cobrisse toda de muitos beijos quando ella lhe mostrava um vestido chegado da

Villa, com toda a graça e frescura que as mãos da modista lhe imprimiam?!...

*
*
*

— Mãe! ó mãe!... chamou de dentro do quarto uma voz infantil, quebrada numa suave intoação de mimo.

— Filha! que é?... eu lá vou, filha! respondeu quasi num grito a Maria Corcunda, deitando a correr para o quarto.

Sobre a cama, uma barrinha de ferro com dois colchões, a roupa muito alva e muito fina, lá estava sentada a pequenina Mathilde, a pobre engeitada da Maria Corcunda. Os cabellos enchiam-lhe o peito, os hombros e as costas numa profusão de aneis finos, sedosos, d'um loiro de sol que era um encanto vel-o. Os olhos eram negros, fendidos em amendoa, franjados de pestanas muito compridas, d'uma rara expressão concentrada e intelligente. O rosto, de traços finos e correctos, bebia suavemente a irradiação do olhar, florescia numa coloração de rosas ao desabrochar do sorriso fresco e leve, com uns longes de melancolia muito vaga, muito doce. Tudo o mais era d'uma real delicadeza bem para surprehender numa creatura encontrada no acaso das ruas. O pé muito fino, a mão esguia e branca e no andar, nas attitudes e nos gestos uma distincção e uma graça natural que na creança resistira á influencia do meio e da convivencia com aquella pobre gente de modos rudes e bisonhos.

— Que tens tu, filha? dizia a Maria Corcunda, abraçando-se na linda Mathilde; não dormiste bem, não, filha? Jesus! que pallidasinha que ella está, meu Deus! e parece que tem a testa molhada! continuava numa voz quasi entrecortada pela afflicção Nossa Senhora me valha!... Filha! ainda te doe a cabeça? e agoniada? já te não sentes agoniada, pois não, meu anjinho?

— Não, mãe! eu já estou boa, boa de todo, mãesinha! dizia-lhe a pequena a sorrir, no meio de muitos beijos, já na instinctiva comprehensão d'aquella exaltada ternura de mulher.

Pouco a pouco serenada ao influxo das ternuras da pequena, a Maria Corcunda murmurou numa voz já só de leve alterada pelas lagrimas que lhe bailavam nos olhos:

—Minha rica filhinha! o que ella esteve de malsinha! Foi Nossa Senhora quem te alliviou, filha, que eu pedi-lh'o com tanta fé que era impossivel que ella me não ouvisse... Foi Nossa Senhora, foi! Rica filhinha! O que te fez mal foi as cerejas: aquellas malditas!...

—Mas eu gostei tanto d'ellas, mãe!

—Pois sim: mas para a outra vez has-de comer pouquinho, para te não fazerem mal.

—Eu já tenho tanta fome! disse a pequena com um lindo gesto de mimo.

—Sim?! eu vou já buscar... Ah!... disse de subito estarrecida: que não podes tomar agora senão um caldinho!...

—Só?! mas se eu tenho tanta fome!... E logo?

—Logo já podes comer muito, meu rico anjo!

—Então veste-me agora; sim, mãe?...

E enquanto a Maria Corcunda a vestia com maior devoção do que se vestira uma Santa do Altar, na rua passava um rancho de raparigas fallando em voz muito alta entrecalada de exclamações e risadas alegres.

—Mãe, o que será aquillo? interrogou muito curiosa.

A Maria Corcunda foi ver á janella.

—São as raparigas com braços de flores para encherem o adro da Igreja, disse d'ahi a pouco. Vão a dizer que a Quinta da senhora Morgada está toda que nem uma capella em dia de romaria, cheia de rosas desde o portão até á casa...

—O' mãe, mãe! é verdade: é hoje que se casa a senhora Morgada com aquelle senhor tão bonito que veio do Brazil, pois não é? Veste-me depressa o meu vestido mais lindo para irmos ver, sim, mãesinha?

—Mas se tu estás ainda tão fraquinha...

—Oh! eu já estou boa de todo, mãe! eu queria muito ver a senhora D. Leonor a ir-se casar com aquelle senhor!...

A Maria Corcunda condescendeu, como acabava sempre

por fazer, e pela volta das onze horas, sem poder resistir mais á impaciencia da pequena, lá foi para a Egreja levando-a pela mão, linda, que era de enlevar os olhos, no seu vestido azul muito pallido com leves pintinhas brancas.

Era pouco mais de meio dia, quando o cortejo deu entrada na Egreja, muito numeroso, porque alem dos padrinhos muitas senhoras e cavalheiros da familia e relações dos noivos tinham vindo tomar parte na festa.

Cobria a egreja um rico tapete vermelho e os altares eram pyramides de flores d'onde emergiam, numa disposição symetrica, dezenas e dezenas de lumes.

Estava tudo cheio de gente; conversava-se aos grupos: fallavam da lindesa da Morgada e do muito que o Noivo gostava d'ella, elle que fôra para o Brazil a ver se enriquecia para o pae lh'a dar. Porque ha um bom par de annos era elle pobre, e o Morgado, orgulhoso e frio, infatuado nos seus pergaminhos, redondamente lh'a recusara, d'uma vez que se atrevera a pedir-lh'a em casamento. E acrescentava-se muito em recato que a Morgada o amara tambem doidamente, tanto que o pae, fallecido havia dois annos, de ralado por a filha recusar sempre obstinadamente todos os vantajosos partidos que lhe offerecia, a surprehendera certa noite numa tentativa de fuga com o mancebo. Fosse o que fosse: a verdade é que elle regressara a Portugal havia dois mezes, e muito rico por signal; e como viesse encontral-a livre ajustara-se para logo o casamento...

—Lindo casal, lá isso!... concluiam.

Apparecia a Noiva ao fundo da Egreja.

Um prolongado murmurio d'admiração rompeu dos labios de todos os assistentes que a seguiram para logo com os olhos num sincero enlevo dos seus ingenuos corações.

Avançava devagar, cheia de magestade e de graça no seu vestido de setim branco, toda ella envolta na gaze finissima do veo preso por pequeninos ramos de flôr de lorangeira. Muito alta, muito elegante, muito distincta, os cabellos luminosos como o lindo sol d'aquelle dia, a bocca recolhida e se-

ria, nos olhos uma luz estranha e grave, cheia d'uma exquisita commoção que parecia prestes a diluir-se em ternuras...

Elle, muito alto e muito distincto tambem na sua casaca preta d'um corte elegante, seguia mais atraz, dando o braço á Madrinha, os olhos postos no vulto da Noiva com uma tal expressão de suprema felicidade que bastava vel-o para bem se adivinhar o grande amor d'esse homem por aquella linda mulher.

Foram ajoelhar-se nos degraus do Altir-Mor. Correu a cerimonia num silencio commovido, que contrastava deveras com o fallatorio confuso de pouco antes.

Terminava o padre a allocução em que, de envolta com o elogio dos Noivos, punha em relevo os encargos e as felicidades da vida conjugal, quando a Maria Corcunda sahio da Egreja com a pequena a tomar logar no adro de modo que podessem ver bem o cortejo.

— Mãe, dizia-lhe a Mathilde puxando-a pela saia, vamos antes para ali; ali vemos melhor. Olha que eu ha pouco quasi nem vi a senhora Morgada. Mas ella ia de branco, não ia, mãe?

— Ia sim, filha.

— E elle? muito gostei eu d'aquelle fato que elle levava! Tanta flôr! continuou, olhando para o adro todo coberto d'ellas. Então, quando a gente se casa, as raparigas deitam sempre assim tanta flôr?!

— Não: as raparigas fizeram isto por saberem que o senhor que veio do Brazil encheu das rosas mais lindas todo o caminho que vae da porta da Quinta á casa da senhora Morgada; e tambem porque elle dá muito dinheiro a toda a gente que deita flores á senhora D. Leonor.

— Ah!...

Appareciam os noivos á porta, pelo braço um do outro agora, ambos recolhidos e graves.

Fez-se um silencio em roda: os homens tiravam os chapéus, as raparigas deitavam ainda mais flores.

— Mãe, olha a senhora D. Leonor tão linda! disse de su-

bito a pequena, muito alto, num ingenuo impulso de admiração.

A Morgada ouviu decerto aquella voz, porque parou muito impressionada e, como avistasse a pequena, chamou-a logo com a mão, num sorriso.

Ella avançou devagar, entre graciosa e tímida, os cabellos resplandecentes como a luz do sol, os olhos baixos, a empallidecerem o rosto com a sombra das pestanas compridas.

Beijou-a a Morgada com uma commoção que lhe encheu de lagrimas os grandes olhos claros e, mostrando-a ao esposo, disse numa voz d'um timbre singular, estranho, velado:

—Muito linda, esta pequena; não é, Manuel?...

Elle concordou, beijando-a ligeiramente, um pouco surprehendido e lá no seu intimo talvez maguado por a ver assim distrahida d'elle...

E o cortejo fôra seguindo muito devagar, no meio das acclamações, das flores desfolhadas e dos arcos de fitas que as raparigas erguiam á passagem dos Noivos, muito commovidos.

D'ahi por pouco a Maria Corcunda, já em casa, arrumava a louça do jantar depois de ter dado de comer e levado ao collo para a cama a pequena Mathilde que adormecera sobre a mesa depois de muito fallar na Morgada, no vestido de setim que ella levava e no beijo que ambos lhe haviam dado.

A pobre mulher arrumava as coisas devagar, muito triste, quedando-se a espaços num alheamento sem objectivo, sem direcção. Deixara arrefecer a agua: e sem dar conta ia lavando os pratos nella quasi fria.

—Mas que terei eu? murmurou de subito, com a repentina consciencia do seu estado... Ah! com certeza que não é coisa boa, que eu sinto uma negrura cá dentro e um nó na garganta tão grande! Jesus! Nossa Senhora do Altar-Mór! Pois que ha de ser? a pequena, afinal, está melhor; aquillo passou-lhe... Que será? Mas coisa boa não é, não, que este coração adivinha e elle bem me está a agoirar desgraça!...

—Foi quando a Morgada beijou a pequena, continuou passados segundos, que eu senti uma pancada no coração e este

nó tão grande enrodilhar-se-me aqui... Porquê? porque seria? Ella é tão boa e faz sempre tanta festa á pequena, quando a vê! Até já lhe tem dado ás moedinhas de dois tostões para ella ir comprar de bolos...

E ia d'um lado para o outro, a buscar uma coisa, sem que de vez nenhuma a trouxesse, distrahida por aquella ideia absorvente.

D'uma d'essas vezes, ao pegar numa terrina de que não precisava, chegou com o cotovello a uma malga que estava em cima da meza com azeite: a malga cahiu; o azeite entornou-se...

—Ah! murmurou ella, estarrecida, as pernas a tremem-lhe muito, os olhos pregados no liquido que alastrava, alastrava... Agora é que é certo: entornou-se o azeite!... Grande desgraça está p'ra me succeder!... Ah! que o coração bem m'o adivinhava!

E, cahindo sobre uma cadeira, proseguiu muito baixo, vencida, quebrada de todo:

—O que será, meu Deus?! o que será?! Comtanto que me não leves a minha filhinha, Senhor!... ah! isso não; isso não, que então era melhor matarem-me primeiro a mim, Senhor! Jesus! Jesus!...

E desatou a chorar amargamente, em soluços como arrancos, que lhe dilaceravam o pobre peito enfesadinho, onde um tão grande amor se abrigava.

—E d'ahi, quem sabe?... exclamou passado tempo, já sob a impressão benefica das lagrimas. Pode muito bem ser que não seja nada... Que muita gente ha que não quer acreditar nestas coisas... E lá tem as suas razões... Póde ser que não seja nada; pode ser!

—Sim, sim, continuava d'ahi a segundos. Mas, quando elle morreu, tambem o azeite se me entornou, o azeite da alampada do oratorio, onde eu estava a pedir por elle, toda cheia de fé, á Nossa-Senhora... E a coruja piou sobre o telhado, tal e qual como esta noite, que eu bem a senti...

E' desgraça, é desgraça, não ha duvida! Mas o que será, meu Deus?! o que será?!...

*
* *
*

Decorreu um anno. Voltara outra vez maio, o mez das flores, o mez do lindo sol claro e leve.

A casa da Maria Corcunda tem as janellas quasi todas fechadas. A porta, a que se subia por tres degraus de pedra já muito gasta, fechada tambem e como que recolhida num grande ar pesado de tristeza... Dentro, tudo na mesma disposição ainda: mas tudo mergulhado agora num silencio extranho e exquisito. Do interior do quarto é que já não vem aquella respiração branda e suave de ha um anno, mas uma respiração muito oppressa, rouca a espaços e entrecortada, como de alguem que estivesse na agonia.

E' a Maria Corcunda que lá está deitada numa cama, o pobre corpinho deformado mal se lhe adivinhando por sob as roupas, o rosto, pallido e já de si magro, de todo sumido na alvura dos travesseiros e na dos cabellos emmaranhados, os cabellos que um anno antes eram ainda d'esse castanho muito suave e muito desmaiado de que ella os tivera aos vinte annos.

Apertava a si e beijava depois com uma suprema devoção qualquer coisa que devia ser uma reliquia,—um anel de cabellos loiros, d'um loiro de sol, muito claro e muito luminoso.

Pobre Maria Corcunda! Essa engeitada que ella creara com tanto amor, que se lhe tornara a vida da sua vida, a alma da sua alma, era afinal a filha dos amores da Morgada com esse rapaz que ha oito annos partira para o Brazil a arranjar fortuna, ignorando que a deixava mãe, porque ao tempo nem ella propria o suspeitava sequer.

Era a filha do seu amor: tinham direito a ella: levaram-lh'a.

Que fazer?...

A Morgada apresentara a metade da medalhinha de prata que a pobre creança trazia suspensa do pescoço por um fio tambem de prata...

No seu desespero, abraçada na filha chegara até insultar a Morgada; mas o Cura, que a acompanhava, brandamente, persuasivamente, em termos carinhosos mas firmes, fizera-lhe comprehender a razão, exortando-a a que se resignasse... Depois, a propria Mathilde, a um apello da Morgada que soluçava, o rosto coberto de lagrimas, fôra correndo abraçar-se n'ella e cobril-a de beijos e lagrimas, tambem...

Que havia de ella fazer?...

De mais a mais, tudo era para a felicidade da Mathilde, como lhe dizia o senhor Cura.

Ella... ella que morresse para ali, isso que importava?...

Que podia lá ir vel-a todos os dias, a todas as horas... — dizia-lhe a Morgada beijando-lhe as mãos numa effusão de reconhecimento.

Como se a sua ternura pudesse satisfazer-se com umas horas, ella que se não saciava com aquella presença de todos os momentos...

E desde uma vez que lá fôra á tarde e o guarda portão lhe dissera que a menina que não estava, que tinha sahido com a senhora Morgada e ainda não tinham regressado, — entrou a pobre mulher de entristecer mais, de perder de todo a saude já muito abalada.

Então? metter-se-lhe em cabeça que aquillo fôra um proposito, que a Morgada lh'a recusara de abborrecida que estava já com as suas visitas.

* E não se queixou; mas passou a ir lá menos vezes, consumindo-se cada vez mais naquella saudade, naquella agonia, naquelle ciume doido da Morgada que era afinal a mãe, a verdadeira mãe da sua filhinha.

E tornara-se rabujenta, intratavel: altercava por coisa nenhuma ella que fizera sempre a admiração de todos pela sua doçura e paciencia.

Em novembro, a Morgada com o esposo e a filhinha partiram para Lisboa a passar o inverno.

Ella ficara para se sumir, para desaparecer, para morrer...

De lá escreveram-lhe muitas vezes: mas que pouco que isso era para aquelle coração cheio d'um amor tão grande que por não poder contel-o se partia, se despedaçava!

E beijando soffregamente aquelle annel de cabellos loiros, a pobre, já na agonia, ia reconstituindo, uma por uma, as feições adoradas da sua filhinha, até tel-a ali, em frente de si, tal como ella era, linda, linda e graciosa e fresca, como outra não havia em todo o mundo!

.....

Ao outro dia, á hora em que o sol morria, uma carruagem rodava na estrada: era a Morgada que regressava de Lisboa com o esposo e a filhinha.

Ao mesmo tempo os sinos dobravam a defuntos: era o cadaver da Maria Corcunda que ia para o cemiterio.

BEATRIZ PINHEIRO



De GUEDES TEIXEIRA:

ESPERANÇA NOSSA (1)

QUI está um livro que eu releio agora depois de impresso, tendo-o lido duas vezes ou mais, ainda manuscripto, em Coimbra, por especial obsequio do auctor: e que me deixa, contra o que fôra natural suppôr-se, um sabor de *novo*, que outros livros, com serem elogiados pelos que fazem opinião em assumptos d'arte, nem á primeira leitura conseguem dar-me — talvez que muito por culpa minha; eu creio que tambem um pouco por culpa d'elles.

E' que — diga-se a verdade e não me seja empecilho a circumstancia de ser o Fausto, d'entre os meus amigos, o meu amigo mais intimo, como, d'entre os poetas novos, é o meu poeta mais querido, — é que Guedes Teixeira não é um poeta como muitos outros: é um poeta que faz versos porque é poeta; não, um poeta que é poeta porque faz versos.

Parece um trocadilho; mas não é. As duas phrases, se bem que formadas das mesmissimas palavras, significam exactamente o inverso uma da outra: entre os dois conceitos medeia toda a infinita distancia que vae do Zenith ao Nadir...

Eu me explico.

Fazer versos — e, claro, quero dizer: versos bons — fazer versos não é afinal uma coisa difficil: com um pouco de esforço decoram-se meia dusia de rimas; com um pouco de leitura adquirem-se meia dusia d'imagens; com um pouco de reflexão encadeiam-se soffrivelmente meia dusia de ideias: o resto, se alguma coisa falta ainda, aprende-se facilmente com o exercicio: e ahi temos qualquer homem, rasoavelmente intelligente, fazendo versos, e versos aliás muito bem feitos, bem feitos até de mais, mas por isso mesmo dando ao seu auctor o feliz desvanecimento de que fez uma obra-prima e ao

1) Achá-se á venda, em Vizeu, nas livrarias dos srs. J. M. d'Almeida e L. M. Maia: preço 500 rs.

leitor a feliz illusão de que tem sob os seus bemaventurados olhos o livro d'um genio—uma maravilha que ha-de ainda dar muito que fallar aos netos dos nossos netos e aos que, depois d'elles, vierem a este mundo.

Vae depois, o livro monopolisa as attensões e os applausos do respeitavel publico durante um ou dois mezes e (não repararam ainda nisto?!...) decorridos um ou dois mezes, o livro esqueceu; ninguém já falla d'elle; ninguém já o lê; e o editor, se não teve a habilidade de lhe aproveitar a aura fugace, adeus! apanha uma lição que lhe fica d'escarmenta!...

E' que aquelle poeta era simplesmente um mero fabricador de bons versos: um excellente industrial; um *artista*, quanto muito. Os seus versos, simples productos d'arte confeccionados segundo a moda da occasião, passaram com a moda por cujos caprichos fôram pautados: e, como dos chapéus que passaram de moda se lhes aproveita quando muito a carcassa, também d'elles se lhes aproveitará apenas, se se lhes aproveitar, o papel, bello papel ás vezes, em que soffreram o supplicio da pavorosa letra-redonda...

Não assim o verdadeiro poeta: este pode não fazer versos e ser, talvez até por não fazer versos, um poeta a valer.

E' que não é poeta quem faz versos: poeta é-o quem tem alma para sentir, para amar, para sonhar:—para a consumir no fogo dos mais sanctos enthusiasmos, para a alcandorar no vertice dos sonhos mais arrojados, para a sacrificar em summa no altar das mais exaltadas dedicações.

Esse tal que escreva um livro: e esse livro, em prosa que seja, ha-de forçosamente ser uma obra d'alta poesia: e os seus versos, se fizer versos, podem não ser perfectos: mas são, mas hão-de ser innegavelmente inspirados, tocados da graça, prestigiosos, cheios d'efficacia, cheios de virtude.

E hão-de ser estes os que passem á posteridade; hão-de ser estes os que obriguem mesmo os incredulos a bradar convictos: *digitus Dei est hic*...

Tambem a vara de Moysés devorava as dos outros magos: e os milagres dos Apostolos desmascaravão os simulacros dos simoníacos.

E' que na Arte, como na Religião, ha Sychophantas: na Arte, como na Religião, ha Simonia tambem.

Ha quem faça d'um livro de versos reclamo para uma pasta ou engôdo para um casamento...

D'estes não é porem, Guedes Teixeira: talvez não seja caso para felicitá-lo; mas é caso para nos felicitarmos nós.

Por isso eu dizia que o Fausto não era poeta, porque fazia versos: fazia versos, porque era poeta.

Não sei se fiz ver bem claro a differença...

Guedes Teixeira faz versos—porque a febre dos nervos só ao rythmo dos versos lhe abate.

Tambem para a nevrose de Saul só a lyra de David lhe servia de remedio ..

D'ahi o serem os seus livros como as varias estações da sua vida: coloridos d'imagens, rufantes de rimas, opulentos de rythmos, no *Livro d'Amor*, como engrinaldados de rosas, orchestrados de risos, tresbordantes de enthusiasmos foram os seus vinte annos: depois, mais pesados d'ideias, as rimas menos procuradas, as palavras estoirando por vezes incoherentes, como aguas d'uma represa, na *Mocidade Perdida*, como os seus passos na Vida, que se lhe cerrara num conflicto, eram impacientes, nervosos, desencontrados, desvaireados mesmo: e finalmente agora, na *Esperança Nossa*, muito calmos os versos, muito conformes as ideias, muito altos os sonhos, como lhe adormeceram calmos os nervos, como lhe passam conformes os dias, como lhe voam altos os affectos: que só assim, realmente, é que se pode escrever um livro

... que é como um casamento

Que os astros celebressem com as almas.

Loucura, profanação quasi, fôra tentar eu aqui dizer o que a *Esperança Nossa* seja. Homogeneas todas ellas, as nove composições que o poeta reuniu neste volume, são como o côro das nove Musas unisonas celebrando o epithalamio de duas Almas: ou antes, como uma Novena de virgens loiras, todas vestidas de branco, que viessem fazer cortejo á Noiva do seu Coração e cantar-lhe, todas em côro, enquanto sob os seus passos desfolham rosas e queimam perfumes, as palavras de mystica embriaguez que um outro poeta outr'ora segredava á Sulamite no Horto das Assucenas...

E em versos de sonho, embaladores mas radiosos, como o marulho das aguas sob o sol d'abril, vae-lhe o poeta dizendo todo o seu vôo, agora largo e certo, lá até onde elle a ergueu ou até onde Ella o ergue, nas azas da virtude que *torna o coração mais quente*, pela mão da ventura que *deixa o peito mais aberto*...

E diz-lhe como ha-de ser o *Lar* onde irão ambos esconder das invejas do Mundo o extasis da sua bemaventurança...

...uma casita branca ao pé d'um rio

Num baixo de collina agreste e rude...

E os leitores, e sobretudo as leitoras da *Ave-Azul* sabem já (e quantas os não terão já decorados!...) como são bellos, deliciosamente bellos, esses versos, publicados na *Salla de Visittas* do 1.º fascicullo, onde o poeta, dissipados todos os doidos sonhos de riqueza e de gloria, só no sonho d'um amor reciproco todo se absorve, sonho d'amor que lhe floresça e fructifique num filho a cantar-lhe dentro do seu lar...

*Um palacio ou choupana tanto importa,
Comtanto que estejaes vós dois lá dentro!*

E diz-lhe como ha-de ser o *Filho* que Deus lhes ha-de dar por certo, esse filho que elle já sonha fadado para o Amor e para a Dor — para a Exaltação — como um outro Christo...

*E olho-lhe as mãos e os pés e um dos flancos
E parece que vejo as cinco chagas!*

E, como se o tivera já sob os seus olhos, a esse filho que elle ama, que elle adora já, qual se fôra o seu Amor em corpo e alma, tão real e verdadeiramente como elle lhe está lá dentro do peito a inspirar-lhe tão nobres versos, o poeta conclue:

*E tudo immerso em doce claridade,
Olhos p'ra a terra, as almas para os ceus,
Eu acredito na felicidade*

E ergo as mãos do nosso filho a Deus!

E é todo assim, d'um alto, e verdadeiro, mysticismo, tal qual o seu amor, este livro originalissimo.

E assim comprehende-se, a fé, com que o poeta grita a quantos, como elle, soffrem as amarguras da Vida:

*Amae: se o amor não vos mostrar o dia,
Eu corto a mão que me escreveu tal sonho.*

.....
*Toma então conta d'elle esta anciedade
Do nosso coração sempre a bater...*

Bater aonde?—A' porta da verdade!

E p'ra quê?—Para entrar, para morrer!

Com esta quadra fecha a *Esperança Nossa*:—numa anciedade de morte que synthetisa uma insullocável, uma insaciavel aspiração de vida... que, para os vãos do seu sonho, estreito lhe parece o Mundo e a Vida lhe parece estreita!

E agora, leiam a *Esperança Nossa*: e digam-me depois se, em face da rara doçura, da sobrehumana bondade, da bellezamystica d'estes poemas, fica o espirito bastante livre para se lhe poderem apontar os defeitos que porventura tenha, os defeitos que forçosamente deve ter.

CARLOS DE LEMOS.